

"Dilma, morra de inveja!"

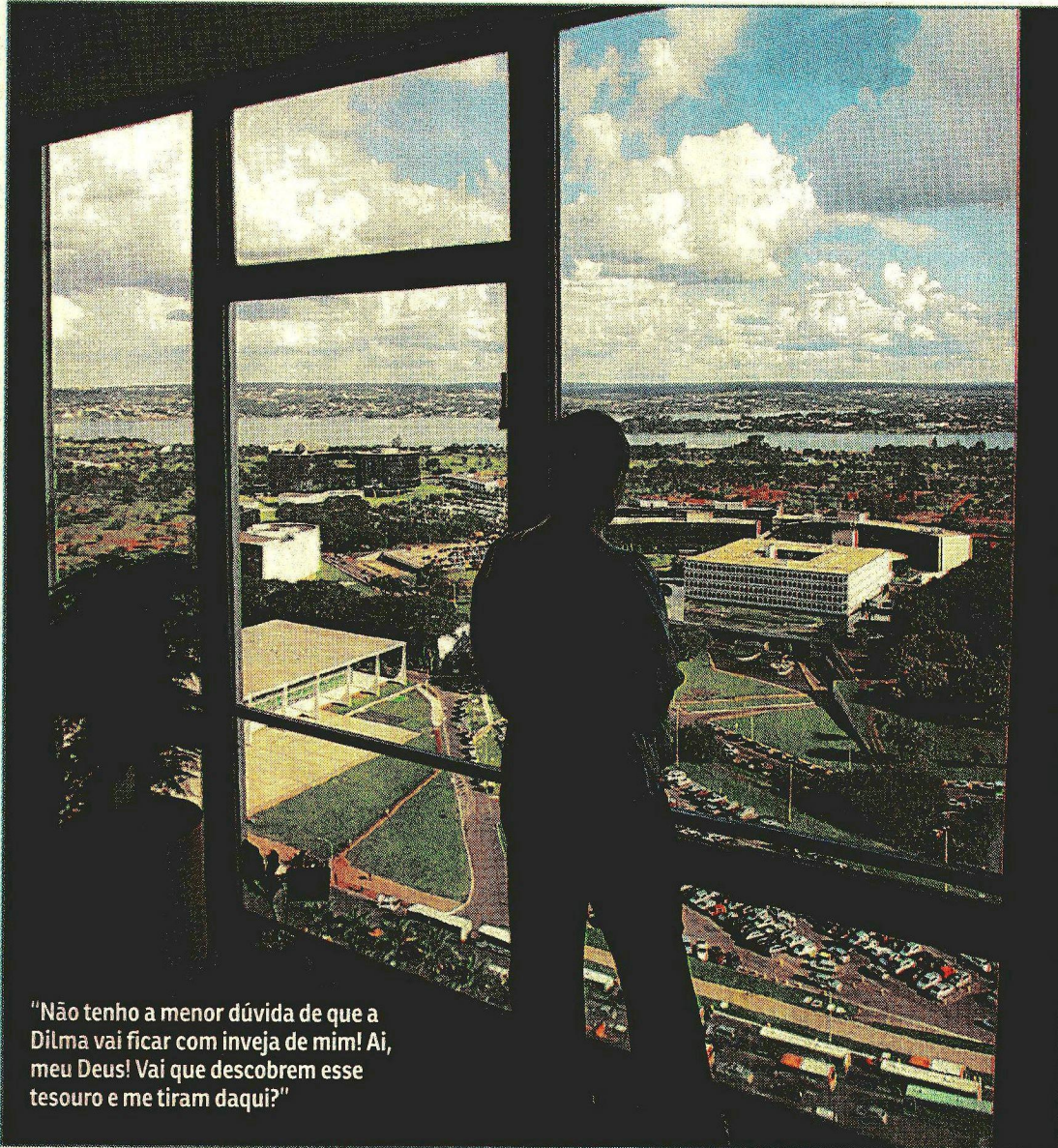
Antes desprezada pelos colegas de Rachel Osório, a salinha de canto do 28º andar tem vista para toda a parte sul da cidade. No fim da tarde, dá para ver o contorno dos prédios modernos

» FLÁVIA MAIA

Carlos Silva/CB/D.A Press

Quem olha para o último andar do canto direito do Congresso Nacional vê uma janela em que a persiana nunca está fechada. A ordem de mantê-la aberta vem da chefe de manutenção de jardins, Rachel Osório, e nenhum dos três funcionários da sala tem vontade de desobedecer a determinação. Afinal, da janela de 4,40m por 3,50m, é possível ver toda a parte sul do Distrito Federal: Lago Sul, Setor Bancário Sul e, no fundo, os prédios de Águas Claras. O pôr do sol é o horário em que os servidores param os afazeres e observam as cores desenhadas pela natureza. "Por volta das 17h, é especialmente bonito porque dá para perceber toda a volumetria de Brasília", conta a gaúcha.

Dos 56 anos de vida, Rachel já dedicou 34 aos serviços na Câmara dos Deputados. "Sou quase sócia-fundadora", ri. Há sete anos, ela mudou-se para a sala de vista privilegiada e, por incrível que pareça, o local foi menosprezado pelos colegas porque o elevador não chega até o 28º andar e é preciso subir dois lances de escada.



"Não tenho a menor dúvida de que a Dilma vai ficar com inveja de mim! Ai, meu Deus! Vai que descubrem esse tesouro e me tiram daqui?"

No passado, o 27º e o 28º eram os andares de serviços do prédio. Como os equipamentos diminuíram, o espaço foi desocupado e se transformou em escritório. Para causar inveja nos colegas e valorizar a visão diária, Rachel passou a fotografar a paisagem. "Tinha um amigo que trabalhava em uma salinha sem janela, aí eu fotografava o pôr do sol e mandava por e-mail para ele."

Da janela de vidro dividida por esquadrias, ela observa os jardins que cuida. A princípio, pode parecer estranho que o departamento responsável pelo jardim fique no ponto mais alto do prédio do Congresso, mas as unhas sujas de terra apontam, de cima, os erros na grama e as árvores com folhagem amarela. Dessa forma, justifica-se a estratégica vista aérea das gramas e das plantas. Além do jardim, Rachel vê a bacia da Câmara virada para cima. "Parece um aeroporto de disco voador."

Dos vários anos dedicados à Câmara, Rachel viu a paisagem ao redor se modificar e gosta de comparar o que mudou desde o primeiro dia de trabalho. "Está vendo aquele prédio amarelinho do anexo 4? Não existia. O TCU e o anexo do STF, também não." Quando Rachel veio com o pai transferido do Rio Grande do Sul, Brasília

praticamente se reduzia à Asa Sul. "Quando vim para Brasília, a cidade estava pela metade, havia o esqueleto do Teatro Nacional e duas parcelas do Conjunto Nacional."

O Eixo Monumental era uma estrada no meio do cerrado e levava para uma Asa Norte quase sem construções. Para ela, acompanhar o crescimento da capital federal é um privilégio para poucos. O orgulho é tamanho que os pais voltaram para o Rio Grande do Sul e ela continuou no Planalto Central. Ao visitar os pais, estranha Porto Alegre. "Me acostumei com todo esse espaço."

Como trabalha em uma mesa encostada na janela, Rachel e os colegas de sala adquiriram o hábito de monitorar o trânsito e as chuvas. Os amigos ligam e perguntam sobre o congestionamento na Ponte JK e na Esplanada dos Ministérios. De tanto observar, já sabe quando um carro vai bater em outro. "Vou alugar esse ponto para uma rádio. 'Alô, alô, está chovendo no Guará, acidente na L4'", brinca.

Depois de tanto elogiar a visão privilegiada, Rachel preocupa-se com a concorrência da sala antes menosprezada. "Não tenho a menor dúvida de que a Dilma vai ficar com inveja de mim! Ai, meu Deus! Vai que descubrem esse tesouro e me tiram daqui?", diverte-se.